

A variação do uso do pronome oblíquo átono na escola de formação de professores de Cabinda-Angola

Tomé Arlindo Sungo Sábala *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-4828-4386>

RESUMO

Tendo em vista o modo como os alunos usavam os pronomes pessoais, pesquisamos, neste artigo, a variação do pronome oblíquo átono, a fim de compreendermos as causas das dificuldades e/ou desvios destes por parte dos alunos. Deste modo, era necessário apresentar as normas que pautassem pelo uso correto da colocação dos pronomes pessoais rectos e oblíquos; destacar, dentre os processos de colocação pronominal, aquele em que os alunos apresentavam maiores dificuldades; propor mecanismos que permitissem aperfeiçoar o ensino da colocação dos pronomes oblíquos átonos com recurso a exercícios devidamente selecionados. Assim, por um lado, selecionamos o método indutivo e dedutivo para fazermos as comparações entre as teorias, leis gerais e chegar às conclusões das fontes puramente formais e, por outro, o método matemático para apresentarmos os dados estatísticos por meio de medidas descritivas, tabelas, gráficos, etc. Vale ressaltar que o inquérito por questionário foi a técnica utilizada para coleta de dados. Portanto, no final, verificamos que os resultados revelavam que do universo de 648 estruturas frásicas propostas, foram assinaladas 218 (33,6%) como sendo corretas e 430 (66,2%) incorretas, o que nos levou a considerar que, de facto, há dificuldades e/ou desvios no posicionamento do pronome oblíquo átono em relação ao verbo.

PALAVRAS-CHAVE

Variação; Pronome; Pronome Oblíquo Átono.

The use of the unstressed oblique pronoun variation at Cabinda teacher's training school

ABSTRACT¹:

Bearing in mind the way pupils used to use personal pronouns, a research about the variation of the unstressed oblique pronoun was conducted through this article, in order to understand the causes that led pupils to have such difficulties. Therefore, it was necessary to present norms that guided to the correct placement of the direct and oblique personal pronouns; to observe, among the pronominal placement processes, the one in which the targeted pupils presented greater difficulties; to propose mechanisms that allow to improve the teaching of placement of unstressed oblique pronouns using duly selected exercises. Thus, a review of the literature on authors who have already dealt with this issue was carried out. Furthermore, it was in this sense that, on one hand, the inductive and deductive method were selected with the purpose to make comparisons between theories, general laws and reach conclusions from purely formal sources. On the other hand, the mathematical method was used to present statistical data through measurements, descriptions, tables, graphs, etc. Moreover, it is noteworthy saying that the questionnaire survey was the technique used for data collection and hence it was verified that the results revealed that from the universe of 648 sentence structures proposed, 218 (33.6%) were marked as being correct and 430 (66.2%) marked as been incorrect which, led us to consider that in fact, there are difficulties and / or deviations in the placement of the unstressed oblique pronoun in relation to the verb.

* Mestre em Ciências da Educação, opção Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Secundário, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, em parceria com o Instituto da Educação da Universidade do Minho-Portugal. E-mail: tomesungo@gmail.com

¹ Tradução de José Sábala.

KEYWORDS

Variation; Pronoun; Unstressed Oblique Pronoun.

Mpila n'salulu m'vinji-lizina li buntu li silili ay lityuka kuna nzó nkanda i ndongusulu mi nlongusu

RESUMO (Fyote)²:

Muna mona buna bana ba nzó nkanda ba nsalila m'vinji-mazina ma buntu, tu ntomba, muna bungu ikubu benyaci, muna “Lufyongonono lu M'siku Ut'hululu M'vinji-Lizina li Lusimuku Lutyuka”, bwinji tu zaaba nto i nkakisa voti utyuka mu t'hululu m'vinji-lizina li lusimuku lutyuka mu baw. Bwabuuna, tufwenekene monisa mim'siku mikele muna nt'hululu isulama imi m'vinji-mazina ma buntu masilili, ay matyuka; fyongunina, muna zimpangulu zint'hululu m'vinji-lizina, linani bana ba nzó m'kaanda ba sobulwa ba monisa beene nkakisa; ay bwetula m'salulu invanga kuvisikisa ulonguswa ku nt'hululu imi m'vinji-mazina ma lusimuku matyuka muna sangala ci bisavu bisobulwa bubote. Isalimisi, bwabuuna, lutoombu luzi buuku zi mim'samuni-mpolo benyoi. Bwabuuna, tu zimukini sobula zi nzila mpusulu ay mbaziminu bwindji tu fwanikisa nt'hubulu, minsiku ay kuluka va zi nt'hó zi zabakana ay, kuna nk'honzo inkaka, nzila i matematika bwindji tu monisa mi nvutu mi nt'hangu muna bitezo bi tsonokunu, biyalu, iswisu cisonikwa, etc. Tu fweneke sisimisa ti, isangala ci byufu cyaw tu salili muna nk'hongululu beni. Vantwala isafoci, tu fyongonini ti minvutu mimonisa ti mbundulu i 648 mpangulu bikumu bi maambu mafwiku, 218 (33,6%) ba siili bibalu ti byaw bisulama ay 430 (66,2%) byaw bityuka, bwabuuna, tu zimukini ukubika mu nkonga ti, bucyelika, m'kakisa ikeeli muna nt'hululu m'vinji-lizina li lusimuku lu tyuka muna lyambu, ai m'kacika uzimunwa ti bana ba nzó m'kaanda m'kakisa iwoombo ikeyaw muna nt'hululu m'vinji-lizina vana ikaka cimpwasa.

BIKUMU BINTALU

T'hululu; M'vinji-Lizina; Cityuka Ay Lusimuku.



Introdução

O presente artigo científico resulta da apresentação e defesa da monografia do curso de Licenciatura em Ciências da Educação, opção de Ensino e Investigação em Língua Portuguesa, decorrido no Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda, no ano lectivo 2017. É importante referir que a Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino (2020) define no seu artigo nono que “o ensino nas escolas é ministrado em Língua Portuguesa”. Por esta razão, Angola obedece a normas veiculadas no português europeu. Dito de outra forma: Angola cumpre com o padrão escrito do português europeu, uma vez que ainda não se lhe reconhece um modelo linguístico consagrado que permite a identificação da variedade do português tipicamente angolano (Miguel, 2003). O uso correcto dos pronomes oblíquos átonos torna-se cada vez mais uma tarefa para poucos, visto que em muitos casos de colocação pronominal, é visível a falta de sintonia entre o que preceitua a gramática tradicional e o uso espontâneo da língua.

² Tradução de Paulo Macosso.

No âmbito das visitas de estágio profissional realizadas na escola de Formação de Professores de Cabinda, notávamos, através da observação, que os alunos ora antepunham, ora pospunham o pronome oblíquo átono durante os seus diálogos, sem, no entanto, demonstrarem alguma preocupação em usar corretamente o pronome. Ora, esse modo de comunicar-se despertou em nós alguma curiosidade no sentido de descobrir as razões que os levaram a usar os pronomes de maneira arbitrária. Essa prática constante despertou-nos atenção na possibilidade de existir insuficiências no que a temática diz respeito. As dificuldades apresentadas surgiam, muitas vezes, despercebidamente, outras, mesmo conhecendo a regra, certos alunos não a usavam. É assim que julgamos relevante desenvolver a presente investigação, subordinando-a ao tema “A variação do uso do pronome oblíquo átono na escola de Formação de Professores de Cabinda”.

Diante destas insuficiências, formulamos o seguinte problema científico: como contribuir para minimizar as dificuldades e/ou desvios de colocação do pronome oblíquo átono dos alunos da escola de Formação de Professores de Cabinda? A fim de resolver o problema formulado, levantamos as seguintes perguntas científicas que julgamos estarem na base do problema em causa: “que fundamentos teóricos sustentam o estudo normativo da colocação do pronome oblíquo átono? qual o nível actual, em relação à colocação do pronome oblíquo átono dos alunos da Escola de Formação de Professores de Cabinda? que sugestões a propor para contribuir no estudo normativo da colocação do pronome oblíquo átono”?

No sentido de encontrarmos as respostas para as perguntas feitas, foram traçadas as seguintes tarefas científicas: 1) identificação dos fundamentos teóricos que sustentam o processo de ensino e aprendizagem da colocação do pronome oblíquo átono; 2) caracterização do nível atual em relação à colocação pronominal dos alunos da escola de Formação de Professores de Cabinda; 3) elaboração de algumas sugestões para contribuir no estudo normativo da colocação do pronome oblíquo átono.

A investigação teve como objetivo geral compreender as causas das dificuldades e/ou desvios de colocação do pronome oblíquo átono por parte dos alunos da escola de Formação de Professores de Cabinda. Para a sua operacionalização, apresentamos os seguintes objetivos específicos: **a)** apresentar as normas que pautam pelo uso correto da colocação dos pronomes pessoais rectos e oblíquos; **b)** destacar, dentre os processos de colocação pronominal, aquele em que os alunos visados apresentam maiores

dificuldades; **c)** propor mecanismos que permitam aperfeiçoar o ensino de colocação dos pronomes oblíquos átonos com recursos a exercícios devidamente selecionados.

Este estudo de caso teve como referência a escola de Formação de Professores de Cabinda, conforme referimos anteriormente. Para a sua efectivação, optamos, por um lado, pelo método da observação por ser um processo sistemático de registro de padrões de comportamento das pessoas, objetos e acontecimentos sem fazer perguntas ou se comunicar com eles e, por outro, utilizamos a indução e a dedução, visto que “caminha para planos mais abrangentes, indo das constatações particulares às leis e teorias gerais, em conexão ascendente” (Lakatos & Marconi, 2005, p. 187), bem como “partir das leis e teorias, e predizer a ocorrência de fenômenos particulares, em conexão descendente” (p. 191). Utilizamos, igualmente, o método de estatística descritiva para efetuarmos “o resumo e a apresentação de dados estatísticos por meio de medidas descritivas, tabelas, gráficos, diagramas ou distribuições de frequência, com o objetivo de facilitar a compreensão e a utilização da informação ali contida” (Noé, 2013, p. 5).

Para a coleta de dados, utilizamos o inquérito por questionário. Do ponto de vista tipológico, podemos considerá-lo como semi-fechado constituído maioritariamente por perguntas fechadas, mas com possibilidade de, em alguns casos, os inquiridos puderem exprimir a sua opinião acerca da variação em causa, através da pergunta “outra – indique-a” que se encontra no questionário. Este artigo está estruturado em duas partes, para além da introdução e da conclusão. A primeira, fundamentação teórica, que gira em torno de algumas discussões que têm a ver, precisamente, com a problemática da colocação do pronome oblíquo átono e, a segunda, com a descrição das opções metodológicas.

Portanto, tendo em conta de tudo atrás dito, apelamos que é importante posicionar corretamente o pronome oblíquo átono em relação ao verbo, uma vez que para além da norma do português europeu, “um outro país lusófono apresenta uma norma própria, o Brasil” (Miguel, 2003). Torna-se, igualmente, necessário, realçar que o estudo normativo em linguística designa o conjunto das regras que constituem o padrão de um determinado sistema linguístico, na sua realização oral e escrito, nosso *leitmotiv*.

1. Fundamentação teórica: do pronome ao pronome pessoal

Neste ponto, faremos a incursão sobre as teorias que norteiam a sintaxe dos pronomes em geral e, pronomes pessoais, em particular, destacando a existência de pronomes determinantes e pronomes substantivos, mediante pontos de vista de diferentes autores.

Ao tratar de pronomes, Vilela (1995) citado por César (2014, p. 15) afirma que “a designação [PRO-NOMEN] indica a relação existente entre esta classe de palavras e o nome”. Mais adiante, o mesmo autor refere que os pronomes encontram a sua definição no discurso, indicando pessoas, seres vivos, objetos ou estados de coisas, em que a relação fixada na materialidade do pronome é deduzida da conexão da frase, do texto ou da situação do discurso.

Na verdade, apesar de Vilela (1995) citado por César (2014, p. 16) entender que “o pronome estabelece uma estreita ligação com o nome”, Moreira e Pimenta (2014) consideram-no como sendo “palavra pertencente a uma classe fechada que pode substituir um grupo nominal”. Os mesmos autores afirmam ainda que pelo fato de poder substituir, o pronome também é conhecido por excelência como substituto. Esta proposta apresentada por Moreira e Pimenta (2014), pareceu-nos ter acolhimento em Cunha e Cintra (1984, p.200), quando afirmam

os pronomes dividem-se em duas grandes categorias: pronomes adjectivos - quando acompanham os substantivos, caracterizando ou modificando-os como se de adjectivos se tratasse. São também designados por pronomes adjuntos e funcionam como determinantes. A título de exemplo: O **teu** cunhado foi professor. – E, por outro lado, pronomes substantivos: representam os substantivos, substituindo-os por completo: O pai é funcionário público. **Ele** trabalha na Universidade 11 de Novembro

Do ponto de vista das classes morfológicas, o pronome tem várias subclasses: a) pronomes possessivos; b) pronomes demonstrativos; c) **pronomes pessoais**³; d) pronomes indefinidos; e) pronomes interrogativos; f) pronomes relativos.

³ Referimos que os pronomes pessoais estão destacados a negrito por serem o foco do nosso estudo.

1.2. Estudo dos pronomes pessoais

Os pronomes pessoais, tal como aludimos, são palavras que podem ser usadas no discurso oral ou escrito para indicar: a) **pessoa que fala**: *eu, me, mim, comigo, nós, nos, conosco*; b) **pessoa para quem se fala**: *tu, te, ti, contigo, vós, vos, convosco*; c) **pessoa de quem se fala**: *ele, ela, o, a, lhe, se, si, consigo, eles, elas, os, as, lhes*.

Podem variar em: a) **número**: singular e plural; b) **género**: masculino e feminino; c) **pessoa**: 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa do singular; 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa do plural. Por outra sorte, os pronomes pessoais desempenham ainda a **função sintática** de **rectos** (sujeito) e **oblíquos** (complemento direto, indireto, circunstancial e agente da passiva). Quanto à **acentuação**, podem ser pronomes átonos ou clíticos e tónicos, conforme o quadro dos pronomes pessoais abaixo indicado:

Quadro 1: Funções sintáticas dos pronomes pessoais

		Funções Sintáticas ⁴			
		SUJ., PS., VOC.	CD.	CI.	CO., MOD., CAP.
N.º	PG.	CN.	CD.	CA.	CO.
Singular	1. ^a	eu	me	me; (a) mim	mim; (co) migo
	2. ^a	tu, você	te	te; (a) ti/você	ti; (con) tigo
	3. ^a	ele/ela	o/a; se	lhe; (a) ele/ela	si; (con) sigo; ele/ela
Plural	1. ^a	Nós	nos	nos; (a) nós	nós; (con) nosco
	2. ^a	Vós	vos	vos; (a) vós/vocês	vós; (con) vosco
	3. ^a	eles/elas	os/as; se	lhes; (a) eles/elas	si; (con) sigo; eles/elas

Fonte: Gramática do Português - Ensino Secundário (2016)

1.3. Colocação do pronome oblíquo átono

Tratando-se da colocação pronominal, os falantes devem pautar-se por um padrão linguístico cuja correcção requer a obediência à norma. A norma a que Angola obedece é

a do português europeu, uma vez que, até ao momento, “não dispõe de descrições sistemáticas e coerentes que permitam a identificação da variedade do português angolano”, (Miguel, 2003, p. 38). Portanto, o pronome oblíquo átono coloca-se, normalmente, de acordo com a norma do português padrão europeu, depois da forma verbal, ênclise.

Todavia, há situações que fazem com que ocorra a próclise (antes do verbo) e/ou a mesóclise (ao meio do verbo). Vale dizer que os pronomes oblíquos átonos (de complemento directo⁴ são **me, te, o (a), se, nos, vos, os (as), se**; e de complemento indirecto são **(lhe e lhes)**). Estes pronomes, em relação ao verbo, podem aparecer em três posições básicas: enclítica – depois do verbo; proclítica – antes do verbo; mesoclítica – incorporado ao meio do verbo.

2. Regras básicas de colocação do pronome proclítico

Consideramos, nas análises que adoptam uma perspectiva sintáctico-semântica, como as de Epiphanio (1918), Duarte (1983), Martins (1994), Duarte e Matos (1995), citados por Mapasse (2005, p. 16), que “a posição proclítica só pode ocorrer quando o padrão enclítico for proibido por condições gerais tais como depois de advérbios e de frases introduzidas por alguns pronomes, ou seja, pela presença dos atractores de próclise ou proclisadores”. Os atractores da próclise em português moderno distribuem-se por diferentes classes sintáctico-semânticas. Ei-los:

• **Advérbios em geral:** “como, porque, já que, visto que, uma vez que, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, por mais que, por menos que, apesar de que, sem que (embora não), se, caso, desde que, a menos que, salvo se, dado que, a não ser que, conforme, consoante, segundo, que, de modo que, de forma que, de maneira que, a fim de que, para que, à medida que, à proporção que, ao passo que, quando, sempre que, logo que, antes que, depois que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, até que, mal”;

⁴ O pronome oblíquo átono de complemento directo pode adquirir uma nova forma em posição enclítica. Quando a forma verbal terminar em vogal ou ditongo oral, mantêm-se as formas **o, a, os, as**. Se o verbo terminar em **-r, -s, ou -z**, estas consoantes são suprimidas, e os pronomes tomam a forma **lo, la, los, las**.

- **Palavras de sentido negativo:** “não, nunca, ninguém, jamais”;
- **Frases interrogativas directas:** “o qual, a qual, os quais, as quais, que, quem, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos, quantas, quem, onde”;
- **Orações subordinadas:** “como, porque, já que, visto que, uma vez que, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, por mais que, por menos que, apesar de que, sem que (embora não), se, caso, desde que, a menos que, salvo se, dado que, a não ser que, conforme, consoante, segundo, que, de modo que, de forma que, de maneira que, a fim de que, para que, à medida que, à proporção que, ao passo que, quando, sempre que, logo que, antes que, depois que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, até que, mal”;
- **Conjunção e locuções coordenativas:** e, nem, ou, mas, porém, todavia, contudo, logo, portanto, por conseguinte, por isso, pois, que, porque, porquanto, não só..., mas também, não só... como, ou ... ou, quer... quer, nem... nem;
- **Frases em que o sujeito da oração contiver uma das seguintes palavras:** ambos, mesmo, todo, tudo, nada, pouco, muito, alguém, outro, cada qual, qualquer, tal, tanto, quanto.



3. Regras básicas de colocação do pronome mesoclítico

A mesóclise, ou a intercalação do pronome ao verbo, ocorre nas formas verbais do futuro do indicativo e do condicional, resultando numa forma perifrástica do verbo. Reparemos no seguinte exemplo: *Comprarão ou comprariam a casa?* Sim, compraremos ou compraríamos a casa. Verificamos que, ao pronominalizá-la, automaticamente o pronome oblíquo átono é incorporado ao verbo, dado que se trata do futuro e do condicional. Neste caso, teremos: *comprá-la-emos / comprá-la-íamos.*

3.1. Colocação do pronome no interior do verbo⁵

1.º passo: isolar o infinitivo impessoal do verbo conjugado (neste caso, verbo **comprar**). Ao separar o infinitivo impessoal “comprar - emos”, a terminação (ou desinência) -emos isola-se;

2.º passo: colocar hífen depois do infinitivo isolado, seguido do pronome objecto directo ou objecto indirecto. No caso do exemplo em análise, o objecto directo é a casa,

⁵ Baseado em Nzau (2018): texto inédito apresentado no âmbito da leccionação da UC de Técnicas de Expressão II, no Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda.

pronominalizado pela forma pronominal “a”). Com os passos 1 e 2, obtém-se “**comprar-a**”);

3.º passo: colocar de novo um hífen depois do pronome, seguido da terminação que ficou isolada depois de retirar-se o infinitivo impessoal: “**comprar-a-emos**”;

4.º passo: uma vez que o pronome está diante de uma forma verbal terminada em “r” (comprar), aplica-se a regra de variação do pronome diante das consoantes -r, -s, -z. Nesta óptica, ao invés de “comprar-a-emos”, obtém-se “**comprá-la-emos**”. Exemplo: Comprariam a casa? Sim, **comprá-la-íamos**. Por fim, usa-se o acento agudo (´) se o verbo terminar em vogal “a” (comprá-la-emos) e acento circunflexo (^) diante de “e” e “o” (compô-la-íeis; bebê-lo-ias).

4. Descrição das opções metodológicas

De acordo com Neto (2000) citado por Nzau (2011), **metodologia** é um conceito polissémico, pois engloba vários elementos indispensáveis à elaboração de qualquer pesquisa científica, desde a definição do tipo de pesquisa, os instrumentos utilizados, a previsão do tempo, o tratamento de dados, a apresentação dos dados. Pela dimensão semântica, permite dar respostas a várias questões: como? onde? quando? Dado o seu carácter integrador dos parâmetros conceptuais e operacionais, pode, a metodologia, ser considerada, em si mesma, como teoria e método em torno dos quais gira todo o processo de recolha de análise de evidência.

A **recolha de dados** ocorreu na escola de Formação de Professores de Cabinda. A instituição encontra-se situada no município sede, no Bairro 4 de Fevereiro, na Avenida Duque de Chiazzi. A escola foi fundada no ano 1968 com o nome de Escola de Habilitação de Professores de Posto “João Tiroa”. Atualmente, funciona com 14 salas de aulas, um campo para práticas de exercícios físicos e realização de jogos; possui uma cantina, uma sala de professores, duas secretarias – geral e pedagógica, um laboratório de Biologia, Química e Física; possui, ainda, uma sala de leitura e de informática.

O **universo populacional** definido para o estudo constitui um conjunto de 92 sujeitos, distribuídos por dois cursos, isto é, 46 sujeitos do curso Instrução Primária A e 46 sujeitos do curso Instrução Primária B. Neste caso, para representar a população, efetuamos uma seleção **amostral** aleatória constituído por 27 sujeitos, resultantes numa fusão entre os dois cursos, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro n.º 2: Distribuição da população e da amostra

Cursos	População				Amostra			
	Masc.		Fem.		Masc.		Fem.	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Instrução Primária A	16	17,3	30	32,6	7	25,9	7	25,9
Instrução Primária B	15	16,3	31	33,6	6	22,2	7	25,9
Total	31	33,6	61	66,3	13	48,1	14	51,8

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A **observação** “é o processo sistemático de registro de padrões de comportamento das pessoas, objetos e acontecimentos sem fazer perguntas ou se comunicar com eles” (Lakatos & Marconi, 2005, p. 191). É uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Esse método foi-nos útil no sentido em que fomos observar, ouvir, sem questionar ou corrigir algumas construções fráscas produzidas pelos alunos, que ora antepunham, ora pospunham o pronome oblíquo átono. De salientar que foi através desse método que decidimos aplicar o questionário como via para confirmarmos ou não os aspectos observados.

A **indução** caminha para planos mais abrangentes, indo das constatações particulares às leis e teorias gerais, em conexão ascendente (Lakatos & Marconi, 2005, p. 187). Empregamos, então, este método para fazer comparações entre as teorias, leis gerais e chegar às conclusões das fontes estudadas, dado que durante a investigação que suportam teoricamente o trabalho, consultamos várias fontes que, partindo desse pressuposto, comparamos as informações tidas como melhores em função do estudo em causa.

A **dedução** parte das leis e teorias, e prediz a ocorrência de fenômenos particulares, em conexão descendente (Lakatos & Marconi, 2005, p. 191). Deste modo, partindo das observações feitas relativamente ao modo como os alunos posicionam o pronome oblíquo átono, empregamos este método para chegarmos às conclusões puramente formais; conclusões essas que consideramos formais mediante os resultados

do questionário. Portanto, foi o questionário que atribuiu o carácter formal e não simplesmente uma conclusão arbitrária.

A **estatística descritiva** “desenvolve e disponibiliza métodos para resumo e apresentação de dados estatísticos por meio de medidas descritivas, tabelas, gráficos, diagramas ou distribuições de frequência, com o objetivo de facilitar a compreensão e a utilização da informação ali contida” (Noé, 2013, p. 5). O método matemático permitiu-nos analisar e operacionalizar os dados estatísticos, representados ao longo do questionário aplicado aos alunos em estudo, assim como traduzir em números e percentagens os resultados encontrados durante a fase do seu lançamento em quadros e tabelas.

O **inquérito** é considerado, segundo Ferreira (1986, p. 165) citado por Nzau (2011), como a técnica de perguntar ou de construir dados cujo objectivo é “obter respostas imprescindíveis à prossecução de determinadas finalidades, geralmente de controlo, e com a possibilidade de se arrogarem de legitimidade para perguntar”. Ao longo da observação, o inquérito por questionário é uma das técnicas muito usuais. Referindo-nos a esse tipo de técnica, conforme referem Quivy e Campenhoudt (1992) citados por Nzau (2011), consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, etc.

O nosso inquérito não se afasta da linha de pensamento apresentada por estes autores. É assim que do ponto de vista tipológico, podemos considerá-lo como um questionário semi-fechado constituído maioritariamente por perguntas fechadas, mas com possibilidade de, em alguns casos, os inquiridos puderem exprimir a sua opinião acerca da variação em causa, através da pergunta “outra – indique-a” que se encontra no questionário. Para além das perguntas directas, foi construído um texto como corpus de análise, em que os alunos pudessem posicionar o pronome oblíquo átono, marcando um (x) dentro do quadradinho que achassem correcto.

Após o suporte teórico da fundamentação teórica, métodos, técnicas de recolha de dados, população e amostra do presente estudo, resta-nos, por último, apresentar e analisar estatisticamente os dados recolhidos.

Tabela 1 – Acerca do número total de ocorrências do pronome oblíquo átono no texto

	Alunos inquiridos		Ocorrências		Total	
	Masc.	Fem.	Fr.	%	Fr.	%
Próclise	11	16	10	41,6	270	41,6
Mesóclise			3	12,5	81	12,5
Ênclise			11	45,8	297	45,8
Total	27		24	100	648	100

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Como podemos verificar, o quadro acima exposto apresenta, de forma detalhada, o número total de ocorrências do pronome oblíquo átono nas três modalidades – próclise 10 (41,6%), mesóclise 3 (12,5%) e ênclise 11 (45,8%), respectivamente. A mesma tabela detalha, igualmente, acerca do número dos alunos inquiridos que, na sua generalidade, perfazem um total de 27 informantes, distribuídos em 11 masculinos e 16 femininos. A multiplicação do número total de ocorrências pelo número de alunos inquiridos forneceu-nos um total de 648 realizações.

Tabela 2 – Grau de visualização de telenovelas brasileiras

Respostas	Alunos				Total	
	Masculino		Feminino		Fr.	%
	Fr.	%	Fr.	%		
Sim	5	18,5	16	59,2	21	77,7
Não	3	11,1	0	0	3	11,1
Às vezes	3	11,1	0	0	3	11,1
Total	11	40,7	16	59,2	27	100

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Notamos, a partir da tabela acima exibida, que o público visado convive, frequentemente, com os programas televisivos de novelas brasileiras. Por isso, achamos que a visualização desses canais está na base da preferência da próclise em detrimento da ênclise. Todavia, conforme podemos ver, os dados falam por si: 21 alunos de ambos gêneros dizem “sim” (77,7%), e 3 (11,1%) dizem “não”. Entretanto, 3 dos inquiridos (11,1%) dizem que “às vezes” assistem aos canais televisivos de novelas brasileiras.

Portanto, sem muitos esforços, podemos admitir que a maior parte dos alunos inquiridos possui um grau elevado de visualização de canais televisivos de novelas brasileiras. Relativamente a essa questão, podemos dizer, então, que há possibilidade de interferência do posicionamento do pronome oblíquo átono, mediante o uso preferencial da próclise ao invés de ênclise, uma vez que os brasileiros fazem um uso dos pronomes pessoais que se demarca do padrão europeu, apesar de Miguel (2003) defender que “quanto à população escolarizada, não se pode afirmar que a tendência seja para a próclise ou para ênclise do pronome ao verbo”, no Brasil. No entanto, achamos que essa ocorrência está tão apegada em todos os níveis sociais, que não se consegue discernir entre as camadas populares e escolarizadas.

Tabela 3 – Posicionamento do pronome oblíquo átono

	Ocorrências				Total	
	Corretas		Incorretas		Fr.	%
Próclise	109	16,8	161	24,8	270	41,6
Mesóclise	28	4,3	53	8,1	81	12,5
Ênclise	81	12,5	216	33,3	297	45,8
Total	218	33,6	430	66,2	648	100

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Olhando para a tabela do posicionamento do pronome oblíquo átono, comprovamos, com alguma facilidade, que existe ocorrências corretas, de um lado e, incorretas, do outro. Do ponto de vista das ocorrências corretas, ao nível da próclise, os resultados apontam para 109 (16,8%), em oposição às ocorrências incorretas 161 (24,8%), que nos remetem para um total de 270 (41,6%) construções frásicas.

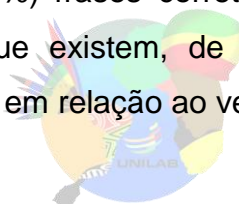
A posição mesoclítica, no cômputo geral, detém a percentagem mais baixa de posição correta e incorreta, pelo facto de o texto apresentar poucos casos de mesóclise, cremos. Mas, ainda, assim, os inquiridos preteriram o posicionamento mesoclítico e preferiram o enclítico, com 53 (8,1%) ocorrências incorretas, assinaladas como enclíticas e 28 (4,3%) de ocorrências corretas.

Nesta óptica, em nosso entender, corroboramos com a afirmação de Duarte e Matos (1994) citadas por Mapasse (2005, p. 55), quando afirmam que “a mesóclise está a

perder-se por não corresponder a opções da gramática do português europeu moderno, pelo que precisa de ser aprendida em contextos formais”. Por isso mesmo, e de acordo com os dados recolhidos, achamos que a mesóclise está sendo substituída pela ênclise, em alguns casos.

As regras de colocação de pronomes átonos prescrevem que, em frases declarativas afirmativas, coloca-se o pronome oblíquo átono preferencialmente na posição enclítica do verbo. Importa realçar que, mediante uma expressão atrativa, o pronome torna-se proclítico. No entanto, o estudo revelou-nos que a posição enclítica do ponto de vista incorreto 216 (33,3%) registrou percentagens mais altas. Achamos que a falta de conhecimento das expressões atractivas estivesse na base disso, visto que em frases do tipo proclítico eles preferiam a ênclise 81 (12,5%), contrariando, assim, as regras de colocação dos pronomes átonos, conforme podemos observar numa das fichas de recolha de dados onde assinalaram “não falaste-me” ao invés de “não me falaste”.

Portanto, num universo de 648 estruturas frásicas contendo os pronomes oblíquos átonos, foram marcadas 218 (33,6%) frases corretas e 430 (66,2%) frases incorretas. Nesta senda, podemos afirmar que existem, de fato, dificuldades e/ou desvios em posicionar o pronome oblíquo átono em relação ao verbo por parte dos alunos visados.



Considerações finais

Após a abordagem sobre os fundamentos da presente pesquisa e dos objetivos expressos, em concordância com o problema da investigação, e considerando os resultados daí decorrentes, chegamos à conclusão de que proliferam dois modelos linguísticos distintos, nomeadamente a variante do português europeu (VPE) e brasileiro (VPB). De acordo com os conteúdos normalizados, constou-nos que Angola, apesar de ser dependente da VPE, tendencialmente, inclina-se para a posição proclítica devido a emissão excessiva dos canais televisivos de novelas brasileira, conforme podemos verificar na tabela número 3; os alunos apresentam maiores dificuldades em posicionar o pronome oblíquo átono na posição enclítica, uma vez que têm sido influenciados pela norma vigente na VPB; a preferência proclítica é notória através da influência dos canais televisivos de novelas brasileiras, pelo facto de estes terem o pronome quase sempre proclítico, conforme podemos observar na tabela número 2; de acordo com as modalidades de colocação pronominal, a ênclise apresenta uma disparidade do ponto de vista das opções incorretas, que nos chama atenção para um rigor nessa modalidade.

Os resultados do diagnóstico feito permitem assegurar e dão conta que existe uma necessidade de inserirmos conteúdos mais bem elaborados nos programas do I e II Ciclo do Ensino Secundário para que os professores possam treinar mais e cada vez melhor a posicionar corretamente o pronome oblíquo átono com os seus alunos.

Portanto, de um modo geral, e com base nos objectivos traçados nesta investigação, a resposta que encontramos foi a seguinte: conseguimos operacionalizar os nossos objetivos, dado que apresentamos as normas que devem pautar o ensino correto da colocação dos pronomes pessoais rectos e oblíquos e, de igual modo, conseguimos destacar, dentre os processos de colocação pronominal, aquele em que os alunos visados apresentavam maiores dificuldades que, por sinal, é a posição enclítica. Ainda na mesma senda, o estudo demonstrou que os professores que lecionam no âmbito do Ensino Fundamental e Médio têm, diante do contexto pandêmico que estamos vivendo, a necessidade de aprender a utilizar as múltiplas ferramentas típicas do ensino remoto. E no final da investigação, conseguimos, igualmente, propor um mecanismo que permita aperfeiçoar o ensino de colocação dos pronomes oblíquos átonos, com recurso a uma ficha de exercício devidamente selecionado tendo como base um texto.

Referências

- Amorim, C. & Sousa, C. (2016). *Gramática do português: ensino secundário*. Porto: Areal Editores.
- César, G. R. (2014). *O uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e universitário em Nampula (dissertação de mestrado)*. Porto: Universidade de Aveiro.
- Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Lakatos, M., & Marconi, M. (2005). *Fundamentos de metodologia científica (6ª Edição)*. São Paulo: Atlas Editora.
- Mapasse, E. (2005). *Clíticos pronominais em português de Moçambique (dissertação de mestrado)*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Miguel, M. (2003). *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Nzila.
- Moreira, V. & Pimenta, H. (2014). *Gramática de português (3.º Ciclo do Ensino Básico – Ensino Secundário)*. Porto: Porto Editora.

Noé, M. (2013). *Estatística*. Disponível em:

<http://www.brasilecola.com/matematica/estatistica-2.htm>. Acedida a 1 de Fevereiro de 2017.

Nzau, D. (2011). *A língua portuguesa em Angola – um contributo para a sua nacionalização*. Covilhã: Universidade da Beira Interior (tese para obtenção do grau de doutor em letras).

Nzau, D. (2018). *Regras básicas de colocação do pronome oblíquo átono*. Texto inédito apresentado no âmbito da lecionação da UC de Técnicas de Expressão II, no Instituto Superior de Ciências da Educação. Cabinda: Secção de Língua Portuguesa.

República de Angola. (2020). *Lei de bases do sistema de educação e ensino*. Luanda: Assembleia Nacional.

Sousa, D. (s/a). *Encontro de amigos: crónica / pronomes pessoais oblíquos* (modificado). Juazeiro do Norte – Ceará, Brasil.

Proposta de exercício sobre a colocação do pronome

Atenção, vai fazer um exercício sobre o uso dos pronomes pessoais. O mesmo consiste em usar um “x” à forma correta da colocação do pronome.

Texto: Encontro de Amigos – Crónica / Pronomes Pessoais Oblíquos⁶

Andando pela Rua São Pedro, no Centro Comercial de Juazeiro do Norte, (**me deparei / deparei-me**) com Sara, minha amiga de infância. Ao vê-la, (**me aproximei / aproximei-me**) dela e (**a abracei / abracei-a**). Ela também (**me abraçou / abraçou-me**). Até (**nos beijamos / beijamo-nos**). Eu (**lhe perguntei / perguntei-lhe**) logo se ela estava viajando, uma vez que (**a não via / não a via / não via-a**) há algum tempo. Depois (**lhe contei / contei-lhe**) algumas novidades. No meio da conversa, (**a convidei / convidei-a**) para ir comigo e com Ricardo ao aniversário de Renata.

Mas, (**ao lhe falar / falar-lhe**) o nome de Ricardo, minha amiga mudou de aspecto. (**Se entristeceu / entristeceu-se**). Até desviou de mim seus olhos castanhos, (**os**

⁶ Adaptado do texto de Dantas de Sousa, Juazeiro do Norte – Ceará, Brasil (modificado).

abaixando / abaixando-os). De repente, porém, (**me olhando / olhando-me**) nos olhos, falou para mim:

_ (**Me deixe / deixe-me**) de lado, Sérgio Rodrigues. Agora, ele está contra mim. (**o mandei / mandei-o**) procurar outra. Já não consigo mais (**o amar / amá-lo**). Mas, se tu quiseres ir com ele, tu irás sem mim [...]

[...] Fiquei curioso por tudo o que a Sara dizia. Havia algo que eu não compreendia, pelo que (**me interrogava / interrogava-me**) por dentro: (**me dirá / dir-me-á / dirá-me**) ou não (**me dirá / dir-me-á / dirá-me**)? As respostas não (**me vinham / vinham-me**) à cabeça. Tomei coragem e perguntei:

_ Sara, quando saberei as razões da sua reacção em relação ao Ricardo?

_ Se (**te dissesse / dissesse-te**) respeito, (**te diria / dir-te-ia / diria-te**). Mas, já que (**me pedes / pedes-me**), (**te contarei / contar-te-ei / contarei-te**) tudo em breve, Sérgio.

_ Fiquei mais descansado! – Exclamou o amigo.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): SABALA, Tomé Arlindo Sungo. A variação do uso do pronome oblíquo átono na escola de formação de professores de Cabinda-Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.25-41, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Sabala, Tomé Arlindo Sungo (out. 2023). A variação do uso do pronome oblíquo átono na escola de formação de professores de Cabinda-Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 25-41.